

O implícito no discurso da personagem Mafalda

The implied in the speech of the character Mafalda

Clea Escosteguy¹

Resumo

O presente trabalho propõe um estudo das tiras da personagem Mafalda, com o objetivo de averiguar a formação de seus aspectos linguísticos, analisando a mensagem que se apresenta de forma implícita trazendo para a pesquisa também, o foco ideológico das tiras. Se utilizando dos estudos de Bakhtin (2012), faremos a análise do discurso, com Charaudeau (2009) as principais estratégias usadas pelo sujeito falante e como se apresenta em relação à identidade social e discursiva, Fiorin (2012) com o sentido do texto; enunciação e comunicação e sob os estudos de Hall (2000) a cultura e sua relação com a identidade. Para se cumprir tal proposta, seguiu-se a pesquisa qualitativa, documental com a utilização de duas tirinhas da personagem Mafalda, exploratória e bibliográfica.

Palavras-chaves: Discurso; Mafalda; Identidade.

Abstract

The present work proposes a study of the strips of the character Mafalda, with the objective of verifying the formation of its linguistic aspects, analyzing the message that is presented in an implicit way, bringing to the research also, the ideological focus of the strips. studies by Bakhtin (2012), we will analyze the discourse, with Charaudeau (2009) the main strategies used by the speaking subject and how he presents himself in relation to social and discursive identity, Fiorin (2012) with the meaning of the text; enunciation and communication and under the studies of Hall (2000) culture and its relationship with identity. In order to fulfill this proposal, a qualitative, documentary research was followed with the use of two strips of the character Mafalda, exploratory and bibliographical.

Keywords: Discourse; Mafalda; Identity.

1. Introdução

A imagem sempre foi algo que fascinou o homem, pois desde a época das cavernas, elas estavam lá, registrando fatos e marcando a vida dos sujeitos. As imagens estão na vida de todos através de fotografias, pinturas desenhos ou simples rabiscos. As palavras podem ser lidas ou ouvidas; as imagens, por sua vez, são assimiladas de forma diferente da linguagem verbal, pois não são feitas do mesmo

¹ Mestre e Doutoranda em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale. E-mail: escosteguyclea@gmail.com

código, e são capazes de nos remeter diretamente à coisa representada por traços de semelhança.

A personagem Mafalda, encontrada em histórias em quadrinhos, tem como característica marcante a sua forma polêmica de se expressar trazendo sua irreverência e criticidade em diversos temas, como: política e educação. Assim é indispensável que se analise a ideologia implícita que envolve o discurso da personagem Mafalda e sua relação com o outro, reconhecendo o locutor e interlocutor, bem como o seu discurso.

O presente estudo então tem como objetivo analisar a estratégia discursiva usada pela personagem Mafalda e a ideologia presente nas suas palavras, trazendo à tona as mensagens transmitidas pela protagonista.

Consiste a pesquisa em um corpus composto por duas tirinhas da Mafalda: “A Escola” e “Reflexões sobre a Escola”, do autor Quino, que a partir da análise discursiva da personagem pode ser desvendado as estratégias usadas para a transmissão das mensagens, muitas vezes apresentadas de forma implícita, provocando o leitor para a reflexão.

A análise baseia-se, principalmente, nas contribuições de Bakhtin (2016), Charaudeau (2009), Fiorin (2012) e Hall (2000). O primeiro autor com seus conceitos do gênero do discurso, auxiliando no entendimento da finalidade do discurso, seu autor e destinatário. O segundo com subsídios para que sejam analisadas as estratégias do discurso usadas pela personagem Mafalda e o terceiro, com a reflexão dos níveis de sujeito: o autor, o narrador e o interlocutor e o quarto autor fazendo uma reflexão sobre a cultura e sua participação na produção da identidade.

Metodologicamente, refere-se a uma pesquisa exploratória e bibliográfica, de caráter documental, em que são analisadas duas tirinhas da Mafalda, com uma abordagem qualitativa.

Este artigo se divide em quatro seções: a primeira apresenta palavras introdutórias sobre a cultura e a relação com a identidade, a segunda traz a fundamentação teórica pautada no gênero do discurso e sua organização, conceitos de enunciação e comunicação e sua relação com o discurso, finalizando com identidade social e discursiva e seu envolvimento no ato da comunicação. A terceira seção descreve os procedimentos metodológicos aplicados na análise e a quarta

mostra os resultados da aplicação dos conceitos teóricos, na análise do corpus: duas tiras da Mafalda. Por fim segue as considerações finais e referências bibliográficas.

2. A cultura como produtora de identidade

Para abrir as portas da fundamentação teórica, é necessário que iniciemos com uma breve reflexão sobre a cultura que nos envolve e o seu importante papel na construção da identidade dos sujeitos, pois não se pode conceber a identidade, longe das manifestações culturais.

Podemos então observar que a identidade proporciona a compreensão das preferências do indivíduo, e seu pertencimento a determinado espaço ou local, no qual a cultura está aí, presente, englobando várias simbologias, crenças e valores que trazem história. Sendo assim, a cultura em suas diversas abordagens está intimamente ligada na definição dessa identidade, pois de alguma forma os indivíduos, em sua vida cotidiana possuem contato com algum modo de cultura, acreditando-se que esse elo inicial seja transmitido e influenciado em inicialmente pela família, e depois por outros meios de sociabilização.

Conforme Hall (2002) é através do uso que fazemos das coisas, o que dizemos, pensamos e sentimos – como representamos – que damos significado. Em parte damos significados aos objetos, pessoas e eventos através da estrutura de interpretação que trazemos, às vezes integrando em nossa prática diária. O autor ainda afirma que os significados culturais têm efeitos reais e regulam as nossas práticas sociais. Assim, o reconhecimento do significado faz parte também da nossa própria identidade, através da sensação que surge de pertencimento.

Deparamo-nos com uma revolução cultural que causa impacto sobre os modos de viver, e até sobre o sentido que as pessoas dão à vida e nesse momento a representação se torna central, pois o significado encontra-se no fato de “(...) usar a linguagem para dizer algo com sentido sobre, ou para representar de maneira significativa o mundo a outras pessoas” (HALL, 2002, p.2).

Sabe-se que as representações têm grande relação sobre as identidades, pois as mesmas têm a ver de como temos sido representados e como essa mesma representação afeta a forma como nós podemos ser, surgindo das próprias narrativas do eu (HALL, 2000, p.109).

Então, as identidades se relacionam e se fortalecem através dos recursos da história, da linguagem e da cultura e produzem não aquilo que somos, mas aquilo no qual nos tornamos. Assim, as identidades não são unificadas, ao contrário, estão cada vez mais fragmentadas e nunca singulares, mas construídas ao longo de discursos e práticas.

No entanto, segundo Hall (2000) a identidade costura o sujeito à estrutura. Ela estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, e nesse encontro acontece a unificação. O autor traz em seus estudos que são exatamente essas coisas que estão mudando, pois, o sujeito está se tornando fragmentado, composto não de uma única, mas de várias identidades.

Enfim, as identidades sociais devem ser pensadas como construídas no interior da representação, através da cultura, sendo o resultado de um processo de identificação que nos permite posicionar-nos no interior das definições fornecidas pelos discursos culturais.

Após a reflexão inicial trazendo à tona a relação entre identidade e cultura e de como estão presentes na formação do discurso dos sujeitos, a próxima seção se dedicará a trazer os estudos sobre os gêneros do discurso, protagonizados por Bakhtin.

3. Gêneros do discurso

Para compreender o pensamento bakhtiniano lembremos que a reflexão sobre o conceito de gênero iniciou-se na Grécia Antiga e foi revisado por teóricos devido a sua importância para o desenvolvimento comunicativo, que é a forma com que os sujeitos ingressam para o universo da linguagem. De acordo com o Círculo de Bakhtin (2015), quando se pensa em gêneros discursivos deve-se lembrar de que as diversas áreas de atividade humana estão diretamente ligadas ao uso da linguagem, que se dá na forma de enunciados orais, escritos ou digitais.

Segundo Bakhtin (2016) estes enunciados deixam claro as condições específicas e para qual finalidade está sendo proferido, não só pelo conteúdo expresso e pelo estilo de linguagem, mas pela escolha de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas principalmente pela construção composicional.

Todos estes três elementos- o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional- estão indissolavelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos de gêneros do discurso (BAKHTIN, 2016, p.262).

Conforme os estudos do autor são possíveis relacionar os três elementos, com o momento da prática de criação do enunciado, entendendo primeiramente que o conteúdo temático são os temas que circulam no enunciado, prova disso é que reconhecemos um conteúdo, já pelo título. O estilo pode estar associado à identidade do locutor e também do grupo social a quem pertence, podendo ser reconhecido no uso de figuras de linguagem ou de textos simples e formais. O terceiro elemento, construção composicional, é a estrutura mais formal, pois tem seu olhar dedicado a linguagem do enunciado e do gênero e ainda é considerado aquele que dá o acabamento de todo o texto, se dedicando também a coerência e coesão, por isso Bakhtin ressalta a importância do terceiro elemento.

Portanto, Bakhtin diz que:

Quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso (BAKHTIN, 2016, p.285).

A esse respeito o autor nos faz compreender que a nossa aprendizagem em relação à fala significa aprender a construir enunciados, porque na verdade nos expressamos por enunciados e não por orações soltas ou palavras descoladas de sentido. Na prática aprendemos a construir o nosso discurso em formas de gênero. Enfim, Bakhtin (2016) diz que se os gêneros do discurso não existissem, e nós não o dominássemos se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo do discurso, de construir livremente cada enunciado, e pela primeira vez, a comunicação discursiva seria quase impossível, não sendo concretizado o ato comunicativo com o outro.

Assim, após o entendimento sobre os gêneros do discurso e sua importância na composição do momento da comunicação, pensemos na próxima seção sobre a organização do discurso, a partir dos estudos de Fiorin e seus conceitos de enunciação e comunicação.

4. Organização linguística do discurso: enunciação e comunicação

Existem muitas teorias do discurso e do texto e apesar das diferenças entre elas, pode-se dizer que elas se organizam em dois grandes grupos: um que investiga a organização interna do discurso, que determina a estruturação linguística e o outro que tem como diretriz, estudar a historicidade do texto. Ricoeur (1986) afirma que o sentido do texto é dado, por relações internas ao próprio texto e por relações com outros textos. Portanto, é visível a sua importância na análise de um discurso, pois estes elementos constroem o sentido.

Nesse sentido Fiorin, afirma que segundo Paul Ricoeur:

Esses dois elementos que constroem o sentido, são os que precisamos levar em consideração na análise de um discurso e deles vamos tratar. Todas as teorias do discurso levam em conta o fato de que o texto é constituído de linguagem- estamos pensando não apenas na linguagem verbal, mas também no visual, etc., que são sistemas de construção do sentido. Todas elas consideram que o texto tem uma historicidade, que é dada pela relação de um texto com outros textos, de um discurso com outros discursos (RICOEUR, 1986, sp.).

Assim, quando nos deparamos com o discurso precisamos levar em consideração que sentido tem por dentro e o que denota por fora, para que consigamos interpretar e realizar a leitura da mensagem, podendo nos aproximar do sentido do texto.

As teorias que enfatizam a organização linguística do discurso são estudos realizados por Benveniste (1974, 1976) que deixa claro o conceito de enunciação e enunciado. A enunciação é a ação de enunciar, isto é, o ato de dizer, já o enunciado é o produto da enunciação. Portanto, *o ato de dizer, a enunciação, produz um dito, que é o enunciado* (FIORIN, 2012, p.48).

A enunciação é a possibilidade de passar a língua para a fala, através de uma mediação de um conjunto de categorias, que Benveniste (1974,1976) chama de “*o aparelho formal da enunciação*”. Estas categorias são: pessoa, espaço e o tempo (eu, aqui e agora). Na prática, quando se produz um ato de fala, o enunciador se apropria do conhecimento linguístico e se institui como “eu”.

E sobre o “eu”, Benveniste argumenta:

Quando se produz um ato de fala, o enunciador se apropria do conhecimento linguístico e, ao fazê-lo, se institui o “eu”. “Eu” é quem diz “eu”, quem toma a palavra. Então, o ato de tomar a palavra estabelece um “eu” e, ao mesmo tempo, como esse “eu” fala para alguém, ele constitui simultaneamente um “tu” (BENVENISTE, 1974, p. 49)

Assim, conforme o autor o “eu” quando se apropria do ato da fala, isto é, toma a palavra, conseqüentemente fala para alguém esse alguém passa a ser o “tu”. Seguindo as categorias de Benveniste (1974,1976) o “eu” fala em um determinado espaço (aqui) que representa o lugar de onde se fala. O agora é o momento da fala, quando o “eu” toma a palavra, marcando assim o tempo linguístico, independentemente do tempo cronológico. Vale destacar que de um lado vemos o “eu” e o “tu”, como já foi dito, como os dois parceiros da comunicação e de outro, o “ele” que é determinado como a “não pessoa”, assim como afirmam os árabes². Benveniste afirma que a terceira pessoa é, na verdade, a “não pessoa”, aquela que não dispõe de condições para tomar a palavra ou mesmo assumir posição de destinatário da enunciação.

Importante destacar que o “eu” existe em três níveis: enunciador, narrador e interlocutor. O interlocutor é a própria personagem que fala em discurso direto, o narrador, por sua vez, é aquele que narra, podendo ser de forma implícita ou explícita, e por fim o enunciador que é o próprio autor do discurso, e nele é depositada a responsabilidade de um bom discurso.

O discurso traz consigo uma historicidade, que não é marcada pela época em que foi produzido, muito menos pelo autor que o enunciou. Fiorin (2012) diz ainda que:

(...) o lugar em que ele foi criado, a formação social que deu origem a ele, etc. Ora, isso é um equívoco, porque, se isso fosse absolutamente necessário para compreender o sentido e sua historicidade, não se compreenderiam os textos antigos, por exemplo, a *Ilíada e Odisseia*. (FIORIN, 2012, p.60)

Segundo o autor, independente destes saberes, o texto significa, ele existe e ressalta que o texto jornalístico tem obrigação de reportar acontecimentos, diferente do texto literário. Na verdade a historicidade não está relacionada com referências de acontecimentos históricos, mas sim com o próprio sentido do texto, na sua

² Os gramáticos árabes se utilizam da expressão “ al-ya’ibu”, aquele que está ausente.

“*constituição dialética*”(BAKHTIN, 2000). Assim, a historicidade do discurso é um movimento dialético de constituição de sentido, é ele que dá espessura histórica ao sentido.

Portanto, o discurso se efetiva a partir de uma organização linguística e também da historicidade, mas, no entanto, não somente estes elementos podem ser analisados e reconhecidos. Sendo assim, na próxima seção teremos o estudo de Charaudeau, com o reconhecimento da identidade social e discursiva, como parte fundamental da competência comunicacional.

5. A competência comunicacional através da identidade social e discursiva

Existem três razões que Charaudeau (2009) ressalta para considerá-lo tema das identidades sociais e discursivas particularmente importantes. Primeiramente pelo domínio das ciências humanas e sociais e pela expansão da sociologia, este tema justifica a relação com a linguagem, pois não há sociologia, psicologia social nem antropologia que não levem em conta os mecanismos da linguagem. Em segundo lugar, porque o tema da identidade social mostra a necessidade de distinguir a língua do discurso, pretendendo mostrar que: “o discurso é o fundador da língua” e em terceiro destacar a existência de um sujeito, que se constrói através de sua identidade discursiva, mas que não seria nada sem uma identidade social.

Para Charaudeau, a identidade é o que permite ao sujeito tomar ciência de sua existência, que se dá quando o sujeito toma conhecimento do seu corpo, então toma consciência de si mesmo. Para que haja a concretização da tomada de consciência de si mesmo é preciso que haja o outro e o reconhecimento das diferenças.

Então esta percepção da própria identidade passa a: “*ser o que não é o outro*” (CHARAUDEAU, 2009, p. 309) e quanto mais forte for a consciência do outro, mais fortemente se constrói a própria consciência identitária.

O sujeito constrói a sua identidade como uma colcha de retalhos, que de acordo com Charaudeau:

Ela inclui dados biológicos (somos o que o nosso corpo é), dados psicossociais atribuídos ao sujeito (somos o que dizem que somos), dados construídos por nosso próprio comportamento (somos o que pretendemos ser) (CHARAUDEAU, 2009, p. 311).

Charaudeau evidencia nos seus estudos estes três dados, como importantes na construção da identidade, porém traz para a reflexão dois componentes: identidade social e identidade discursiva. Ele confirma esta redução a partir da reflexão, de que a identidade social não explica a totalidade da significação do discurso e que o discurso não é apenas linguagem, depende também da identidade social de quem fala. Enfim, a identidade discursiva, para se construir, necessita de uma base de identidade social.

A identidade social é o que confere ao sujeito seu “direito à palavra”, o que funda sua legitimidade. Esta legitimidade não é apenas do domínio político, mas determina a qualidade de quem é autorizado a agir da maneira pela qual age, também pelo reconhecimento de um sujeito em detrimento aos outros. No momento que o sujeito toma a palavra para si, ele precisa responder: *“Estou aqui para dizer o quê, considerando o status e o papel que me é conferido por esta situação?”* (CHARAUDEAU, 2009, p. 311)

Já a identidade discursiva tem a particularidade de ser construída pelo sujeito falante para responder à questão: *“Estou aqui para falar como?”* (CHARAUDEAU, 2009, p. 311) Depende de um duplo espaço de estratégias: de credibilidade, onde o sujeito falante tem a necessidade de que se acredite nele e em sua sinceridade, e de captação quando o “eu” falante não está para com seu interlocutor, numa relação de autoridade. A captação oferece segurança ao sujeito, de que seu parceiro no ato da comunicação percebe seu projeto de intencionalidade, compartilha com suas ideias ou está impressionado com a sua fala. No momento da captação o sujeito falante se questiona: *“Como fazer para que o outro possa ser tomado pelo que digo”* (CHARAUDEAU, 2009, p. 313)

Assim, o principal objetivo é fazer com que o interlocutor acredite e creia no seu discurso. Na troca entre os sujeitos é necessário persuadir ou seduzir se valendo da razão ou a emoção. O sujeito pode escolher entre diferentes atitudes discursivas, optando por atitudes polêmicas, de sedução ou de dramatização.

Se efetiva então, um jogo entre a identidade social e a identidade discursiva e esse jogo influência diretamente na produção do discurso. Segundo as intenções do sujeito comunicante ou do sujeito interpretante, a identidade discursiva adere à identidade social formando uma identidade única “essencializada”.

A identidade social e identidade discursiva não podem ser consideradas fora de uma situação de comunicação. É no momento da comunicação, que fica visível a

identidade dos parceiros que participam do ato de troca verbal. Neste ato é a identidade que fornece instruções quanto à maneira de comportar-se discursivamente, define traços de identidade discursiva. O sujeito falante escolhe: se quer mostrar-se conforme as instruções, mascarar-las ou transgredí-las, envolvendo-se em uma situação política ou publicitária.

Na situação política Charaudeau diz:

O sujeito político traz como questão- “Estou aqui para defender quais ideias?” “Como fazer a aderir estas ideias?” Com efeito, o sujeito político se encontra numa dupla posição: ser o portador e o garantidor de valores fundadores de uma certa “idealidade social” e ao mesmo tempo promover a adesão do maior número de cidadãos a estes valores (CHARAUDEAU, 2009, p. 314).

O autor traz uma reflexão sobre este sujeito político que se difere de outros sujeitos, pois o seu objetivo é trazer para si, para o seu discurso, o maior número de pessoas que acreditem no que diz e sejam multiplicadores dos valores que apresenta. O sujeito político, segundo CHARAUDEAU (2009, p.314) produz um “EU-NÓS”, uma identidade do singular-coletivo, pois fala por todos e sua voz é a voz de todos. Quando se dirige a estes “TODOS” é como se ele, político fosse apenas um porta-voz de um terceiro, o enunciador de uma idealidade social.

Na situação publicitária a identidade social apresenta-se totalmente contrária da situação política, porque na verdade a identidade social da instância publicitária propõe um sonho ao consumidor, mas se mantém exterior ao destinatário, - a voz do desejo é que constrói o sonho. Nesta relação não há pacto de aliança, nem idealidade social, apenas a singularidade do desejo, isto é, realizar e provocar o desejo no outro, para que satisfaça e realize o sonho idealizado.

No discurso publicitário, domina a atividade de sedução [...] o discurso publicitário tenta tocar o que há de singular no indivíduo dirigindo-se ao desejo; [...] o que não ocorre com o sujeito publicitário, que nunca é acusado de excesso na tentativa de sedução; [...] a instância publicitária não precisa, a priori, de legitimidade. O que torna legítima, justamente, é ser bem-sucedida enquanto ato de sedução- persuasão. (CHARAUDEAU, 2009, p. 315).

O autor com estas características do discurso publicitário marca visivelmente as diferenças que existem em relação ao discurso político, pois as diferenças entre os

dois servem para aplicarmos na análise dos discursos produzidos pelos sujeitos, podendo assim, serem reconhecidos os traços identitários.

De acordo com Charaudeau (2009) a questão identitária é bastante complexa, porque é resultante dos olhares do sujeito comunicante e do sujeito interpretante. O sujeito comunicante procura construir seu discurso de forma que imponha ao parceiro, e o sujeito interpretante acaba atribuindo uma identidade ao sujeito falante, mas o que o autor afirma, é que todo sujeito tem o desejo de se ver no outro, buscando uma identidade única.

A fundamentação teórica trazida até o momento vai balizar a análise do corpus “Tirinhas da Mafalda”, e este caminho será traçado através do embasamento metodológico. Assim, na próxima seção será descrito o tipo de pesquisa e demais conceitos relacionados à metodologia.

6. Procedimentos metodológicos

Este estudo de abordagem qualitativa, com objetivo de explorar materiais bibliográficos e documentais, apresenta como *corpus* duas tirinhas da personagem Mafalda, criada pelo desenhista e humorista argentino, Joaquim Salvador Lavado, o Quino, no ano de 1963.

Ressaltamos a escolha do *corpus* por ser uma personagem criada em um momento histórico conflitante³, que surge para questionar e debater de forma cômica a conduta das pessoas e provocar reflexão nos leitores. A personagem Mafalda, de modo geral, é apenas uma menina de classe média que vive na Argentina, nos anos 1960, com seus pais, vai à escola e tem amigos. Aparentemente, ela não se mostra diferente em nada de uma menina de sua idade.

A esse respeito buscaremos analisar o discurso presente nas tirinhas, da relação do locutor e interlocutor, as mensagens implícitas de natureza ideológica e cultural que surgem nas expressões da protagonista e também as estratégias discursivas usadas. A análise baseia-se, principalmente, nas contribuições de Bakhtin (2016), Charaudeau (2016), Fiorin (2012) e Hall (2000).

³ Finalmente em 1963 voltou a convocar eleições limitadas (com interdição do peronismo), nas quais foi eleito presidente Arturo Illia (União Cívica Radical do Povo), sendo segundo o voto em branco, que muitos peronistas utilizaram como forma de protesto. Illia assumiu a presidência a 12 de outubro de 1963, sendo destituído por um novo golpe militar, a 28 de junho de 1966.

Com esse propósito, partimos inicialmente da apresentação do corpus selecionado trazendo brevemente o histórico de criação da personagem e traçando um perfil da protagonista e logo após detalhando sobre a escolha das duas tiras intituladas: “A Escola” e “Reflexões sobre a Escola”.

Posteriormente, a análise recai sobre o discurso da Mafalda, como é criado e como chega até o outro, o leitor. Logo depois as estratégias usadas para a construção da identidade.

7. Resultados e análises

Vemos que as imagens são portadoras de histórias, memórias e culturas e quando observadas podem nos transportar para outros espaços e transformar um pequeno instante em eternidade valiosa. Portanto a tirinha é uma forma de comunicação e se apresenta com linguagem verbal, não verbal e mista, dependendo do criador. A tira está há mais de cem anos nos meios impressos, porém nos últimos anos vem se inserindo na mídia digital, o que oportuniza um trabalho mais amplo e uma aproximação do gênero com o espaço escolar.

A personagem Mafalda nasceu em 1963, com o objetivo de ser protagonista de uma campanha publicitária, porém não foi aceita; com isso, Quino arquivou as poucas tiras desenhadas. A personagem retorna em 1964 em um semanário e em 1965 continua a ser publicado ininterruptamente, o que trouxe uma popularidade maior, tanto que outras cidades iniciaram a reprodução das tiras publicadas. Foi em 1966 que acontece o boom da Mafalda⁴, chegando ao Brasil somente no ano de 1981.

Mafalda é uma garotinha de seis anos que odeia sopa, que pensa que os problemas do mundo são de sua responsabilidade, ama Beatles e o desenho do Pica-Pau. Ela é uma grande sonhadora, que ama o conhecimento, as lutas pelas boas causas e deseja um mundo mais justo. A protagonista apresenta uma visão bastante apurada de tudo o que acontece a sua volta e vive questionando sobre assuntos como humanidade, paz mundial, o espaço escolar, bem como o que é ensinado.

⁴ Editor de Buenos Aires põe à venda um primeiro álbum com tiras já publicadas em jornais. Mesmo sem um lançamento ruidoso, a primeira edição esgota-se em doze dias.

Portanto para a análise, duas tiras foram escolhidas, com o tema escola e conteúdos ensinados no espaço escolar, para que possamos reconhecer o discurso produzido pela personagem, reconhecendo suas estratégias discursivas.

Para iniciarmos a análise apresentamos na Figura 1, o corpus intitulado como: “A Escola”, que é parte integrante do livro “Toda Mafalda”, (QUINO, 2003, p.71)

Figura 1 - Tira “A Escola”



Fonte: Toda Mafalda (2003, p.71).

No primeiro quadrinho da tirinha “A Escola” surge uma sala de aula, com uma professora que expõe um conteúdo de maneira “tradicional” (quadro e giz), segue conteúdo básico exigido pelo governo. Era a realidade na Argentina da época, pois Quino retrata esta situação de distanciamento da vida real focando na forma e norma, já que era um momento de ditadura.

O discurso da professora deixa clara a sua posição ideológica, quando se utiliza de uma metodologia tradicional para ensinar seus alunos a lerem, sendo assim é possível relacionar com os estudos de Bakhtin, que afirma: “neste caso o ouvinte, ao perceber e compreender o significado do discurso, ele passa a ocupar uma relação ativa e responsiva” (BAKHTIN, 2015, p.271).

Toda a palavra então suscita a existência de outra palavra, pois todo o sujeito é responsável por cada discurso proferido e no caso da professora, não é diferente. Mafalda, ouvindo os exemplos proferidos sentiu-se provocada a participar, levantando do seu lugar e se aproximando da professora.

No segundo quadrinho podemos ver a professora sendo abordada por Mafalda que se mostra em tamanho desproporcional, menor em relação à professora. O mesmo acontece no quarto quadrinho quando Mafalda retorna ao seu lugar e se junta aos demais colegas. Observa-se que a falta de palavras não afeta o entendimento da

mensagem, pois o silêncio também expressa uma mensagem e é o que podemos denominar como o não dito, muito presente em tirinhas.

Quando se trata do não dito, do implícito do discurso, identificamos a questão da incompletude, lembrando que todo discurso é uma relação com a falta, já que toda linguagem é incompleta: “[...] há uma dimensão do silêncio que remete ao caráter de incompletude da linguagem: todo dizer é uma relação fundamental com o não dizer” (ORLANDI, 1992, p. 12). Assim sendo, podemos entender que nem os sujeitos, nem os discursos e nem os sentidos estão prontos e acabados.

No terceiro quadrinho, a professora recebe os parabéns de Mafalda, e com seu tom de humor ingênuo, ela consegue atingir o leitor, pois o leva a pensar sobre uma dualidade: o conceito e a prática. Portanto o leitor é também, neste momento, um cúmplice, porque é necessário que fique atento à história, para que a mensagem seja captada.

Relacionando o primeiro quadrinho e o terceiro, com os estudos de Fiorin(2012) temos a professora que inicia tomando a palavra e se institui como “eu” e o “tu” são todos os alunos que a ouvem. Logo depois o “eu” é tomado pela personagem Mafalda, que fala com a professora, deixando marcado que o tempo linguístico é o momento em que se toma a palavra.

No quinto quadrinho, quando a personagem retorna ao seu lugar, mais uma vez toma a palavra e diz: *“Agora, por favor, ensine pra gente coisas realmente importantes”*. No seu discurso faz uma crítica a atual situação da educação no país que insistia em trazer para a sala de aula um currículo fora do contexto social dos alunos. Neste momento a protagonista assume uma identidade discursiva que segundo Charaudeau (2009) “é construída pelo sujeito falante”. (CHARAUDEAU, 2009, p.312) para sedimentar a sua fala e responder: “Estou aqui para falar como?”. Dando segmento, Mafalda para responder tal questão se utiliza da estratégia de credibilidade, optando pela atitude discursiva de engajamento que conforme o autor se dá pela necessidade de se fazer acreditar, mas com o objetivo de que seja reconhecido como um sujeito falante, um ser de convicção.

Mafalda, em relação à professora, pode ser vista como o contra discurso, mostrando que o sujeito pode ser submisso, em alguns momentos, mas também pode participar dos diálogos, mostrando que a língua é histórica e ideológica, e por fim, “a

comunicação verbal não poderá jamais ser compreendida e explicada fora desse vínculo com a situação concreta”, (BAKHTIN, 2015, p.289).

Para darmos continuidade apresentamos a Figura 2, o corpus intitulado como: “Reflexões sobre a Escola”, que é parte integrante do livro “Toda Mafalda”, (QUINO, 2003, p.73)

Figura 2 - Tira “Reflexões sobre a Escola”



Fonte: Toda Mafalda (2003, p.73).

As tiras da Mafalda são enunciados e estão configuradas como um campo dialógico, que consiste segundo Bakhtin (2012), um momento de diálogo, como espaço de embates, lutas e de interação social. O diálogo apresentado na tirinha dois deixa claro o conflito da personagem em relação ao que é ensinado na escola, provocando o leitor para uma reflexão sobre a realidade educacional.

Vemos a protagonista no primeiro quadrinho com o jornal na mão, mas demonstrando sua indignação por ainda não saber ler e já na sequência traz os “conteúdos” que lhes são ensinados, concluindo que o que está aprendendo ainda não a torna uma leitora fluente. Neste segundo quadro a personagem faz referência às expressões presentes na figura um, lembrando o que a professora ensinou até o momento.

Se observarmos a tirinha, vê-se que a personagem Mafalda está sozinha na história, mas ao mesmo tempo expressa a sua indignação. Assim, Bakhtin afirma que podemos compreender o diálogo como, “num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja”. (Bakhtin, 2012, p. 117). Sendo assim, Mafalda está dialogando, e conforme Fiorin (2012) ela toma a palavra e produz o ato da fala, portanto ela é o enunciador, mesmo que esteja sozinha, pois é isso que dá consciência

do “eu”. A personagem fala do lugar de criança contestadora que espera muito mais da educação.

No terceiro quadrinho Mafalda faz referência a Fidel Castro⁵ e Johnson⁶, demonstrando o seu interesse em saber sobre as personalidades da história, deixando claro que o que espera da escola é muito mais que repetições e conteúdo sem sentido. Relacionando com os estudos de Ricoeur (1986) podemos ver que um texto é construído por organizações linguísticas e também por relações com outros textos, que seriam as exterioridades, ou seja, outros textos e outros discursos. Assim, Mafalda, a nossa protagonista, trouxe para o seu discurso personagens, com outros discursos, que trouxeram o sentido para a sua fala, pois quando cita o nome das personalidades, estas vêm carregadas de sentido.

No quarto quadrinho a personagem parece estar lendo o jornal, mesmo ainda não sabendo, pois, a escola ainda não lhe ensinou. Mostra-se atenta ao que faz e não expressa nenhuma reação. Novamente o silêncio, assim como já foi analisado na figura um. O não dito, neste sentido, faz parte do discurso que não é palavra. E, como já comentado anteriormente, que o não dito é constituinte, é fundador do discurso. O não dito diz respeito às diversas facetas da linguagem; perpassa e ultrapassa todo o dito; “[...] é subsidiário ao dito. De alguma forma, o complementa, acrescenta-se”, (ORLANDI, 2005, p. 82).

No quinto quadrinho, finalizando a tirinha observemos a personagem e sua reação facial, que se mostra contrária ao terceiro quadro, onde se mostrava altiva e cheia de poder na sua fala. Mafalda parece chegar a uma conclusão que não a deixa feliz: “*Mas parece que nem o Johnson é mimado pela mãe e nem o Fidel Castro arranja o laço*”. Mais uma vez é possível perceber como a fala da personagem é afetada por um interdiscurso: notamos que quando se dá a formulação de seu enunciado, ela apresenta um conjunto de dizeres que têm lugar na escola –mamãe mima o fulano, e a fulana arranja o laço– e outra, relativa a assuntos do mundo da política – representada pelos nomes Johnson e Fidel Castro. Notamos que é o jornal o elemento que a faz pensar e, dessa forma, ela coloca em confronto fragmentos do

⁵ Fidel Alejandro Castro Ruz (Birán, 13 de agosto de 1926 — Havana, 25 de novembro de 2016) foi um político e revolucionário cubano que governou a República de Cuba como primeiro-ministro de 1959 a 1976 e depois como presidente de 1976 a 2008. Politicamente, era nacionalista e marxista-leninista.

⁶ Lyndon Johnson (1963-1969). Democrata. Reforçou o embargo, e tentou obstruir o comércio de níquel cubano com o bloco soviético. Aprovou planos da CIA contra Fidel. Sob seu governo operaram em Cuba guerrilhas e grupos anticastristas.

discurso que circula na escola, com o discurso político que aparece no jornal, e ao qual ela não consegue ter acesso, evidenciando, assim a insuficiência da escola.

Enfim, em Mafalda, “a Contestadora” (ECO, 2003), há sempre uma crítica social ou política, uma sátira aos costumes, fazendo rir ou sorrir, contando com a cumplicidade do leitor. E essa cumplicidade é que nos faz crer que Mafalda seja uma personagem altamente polêmica, sendo adorada por muitos que a consideram portavoza de suas próprias críticas.

8. Considerações finais

A pesquisa consistiu em analisar um corpus composto por duas tirinhas da Mafalda: “A Escola” e “Reflexões sobre a Escola”, do autor Quino, que a partir da análise discursiva da personagem pôde ser desvendado às estratégias usadas para a transmissão das mensagens, muitas vezes apresentadas de forma implícita, provocando o leitor para a reflexão. O objetivo foi analisar a estratégia discursiva usada pela personagem Mafalda e a ideologia presente nas suas palavras, trazendo à tona as mensagens transmitidas pela protagonista.

A análise da enunciação de Mafalda nos permitiu detectar marcas que produzem certos efeitos: o não conformismo, a recusa em relação ao mundo como ele é e uma reação de contrariedade em relação à escola e o que está sendo ensinado. Todos esses traços fazem com que possamos ver que a enunciação dessa personagem está continuamente marcada por sentidos, sendo que nas duas tirinhas existe uma indignação, que pode muito bem ser nomeado como movimento de resistência. Outro ponto a ser destacado é a análise da ideologia que perpassou o discurso da personagem, de forma implícita, mas marcante, bem como a sua relação com o outro, reconhecendo o locutor e interlocutor.

Analisar a protagonista Mafalda fez com que enxergássemos a educação atual, e como ainda existe caminho a percorrer na busca de um espaço escolar prazeroso, que incite, provoque o aluno a pensar, fazendo com que vá além dos muros da escola, mostrando que não há limites para a imaginação e o conhecimento.

A Mafalda é e sempre será a personagem contestadora, a heroína “enraivecida” que se recusa a aceitar o mundo como ele é demonstrando no seu discurso a sua insatisfação.

“Vamos protestar por mais MAFALDAS, vamos criar oportunidades em sala de aula para que surjam novas MAFALDAS”! Acreditemos e lutemos por um mundo melhor!

Referências

- BAKHTIN, M. (Volochínov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2012
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2015
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016. p. 11-69.
- BENVENISTE, E. **Problèmes de linguistique générale**. Paris: Gallimard, 1974.
- BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral**. São Paulo: Nacional/EDUSP, 1976.
- CHARAUDEAU, P. Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional. 2009. *In*: PIETROLUONGO, M. (Org.) **O trabalho da tradução**. Rio de Janeiro: ContraCapa, 2009, p. 309-326.
- FIORIN, J. Organização Linguística do Discurso. Enunciação e comunicação. *In*: FIGARO, Roseli (Org.). **Comunicação e Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 45-78.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- HALL, S. Quem precisa de identidade? *In*: SILVA, T. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- LAVADO, J. **Toda Mafalda**. São Paulo: Martins Fontes, 2013
- ORLANDI, E. **As formas do silêncio: no movimento de sentidos**. Campinas: Ed. Unicamp, 1992.
- ORLANDI, E. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2005.
- RICOEUR, P. **Du texte à l'action**. Essai d'herméneutique II. Paris: Éditions du Seuil, 1986.